

um
Jardim
para
mim, para
Sempre



“CADA PESSOA É UM MUNDO.”

CLARICE LISPECTOR

Sneak Peak | J.C. Félix



Capítulo Um

POIS NÃO SOU NADA PARA O UNIVERSO

Então, julho.

O vento trazia o cheiro de chuva. Cedo da manhã e já estava chovendo. Observando da minha janela o jardim mal feito de minha mãe, lembrei rapidamente de quando era criança. Era um dia ensolarado quando nos mudamos para cá.

Sou, em grande parte, a mesma criança que era quando cheguei aqui. Lembro de sentar junto ao portão e esperar — alguém havia me dito que meu pai viria a qualquer momento. Ele não apareceu. Mas fiz a minha parte como filho e esperei por ele.

Naquela época, achava conhecer a dor. Estava errado.

— Sim, nós estamos saindo. Sim... é, eu sei... pedi para ele me ligar, mas sabe como ele é... você me avisa, então? Certo.

Conseguia ouvir a minha mãe com exatidão. Era engraçado ouvi-la conversando tão educadamente com meu pai. Falava de mim como se eu fosse seu boneco ventríloquo. Engraçado porque cresci ouvindo-a dizer sobre como ele havia nos abandonado. Todos os dias, como um ritual, ou sempre que eu questionava o motivo de termos nos mudado para tão longe.

Ela nunca foi boa em modular o tom da própria voz — ouvia tudo do andar de baixo. Estava preocupada comigo. Eu não queria morrer enquanto minha mãe estivesse viva. O que me fazia questionar quando exatamente ela morreria.

Logo me chamaria, por isso dei uma última olhada no meu quarto.

No fundo do meu guarda-roupa, meu dobok parecia gritar por mim. Triste, encardido e um tanto abandonado. Encarei também meu reflexo no espelho, observando os segundos passarem.

Talvez o dobok e eu fôssemos iguais, de certa maneira.

— Benjamin! — Escutei minha mãe, Laura. Sempre exagerava no *Benja*. — Está na hora, filho. Vamos.

Sabia que estava na hora. Ainda me olhava no espelho. Mochila no ombro, cadarços desamarrados e cabelo despenteado. Estava mais do que na hora.

Saí do meu quarto e fechei a porta atrás de mim. Lá fora, chovia.

*

Fora de casa, Laura fazia com que eu me despedisse apropriadamente da única pessoa que ainda me considerava um amigo, Júlia. Ela me abrigava debaixo do seu guarda-chuva. Eu colocava as malas no carro enquanto a ouvia quase choramingando, tão perto de mim.

— E o colégio? Vai voltar, não vai?

Sério, Júlia? Colégio?

Gostaria de poder ser sincero. Júlia era maneira. Parte de mim acreditava que ela era apenas uma amiga afetuosa, a outra parte dizia que, na verdade, Júlia era a fim de mim.

— Não sei se vou voltar — falei. Júlia continuou me encarando, como se esperasse algo mais. Talvez, ouvir de mim que tudo aquilo era uma brincadeira. Ou quem sabe, um beijo. — Tenho que ir.

— Tchau, Benjamin — disse e me abraçou.

Júlia também dizia meu nome usando mais força no *Benja*. Não consegui abraçá-la de volta. Gostaria de ser melhor que isso.

— Tchau, Julia.

Éramos parecidos. Não dizíamos o que realmente pensávamos. Talvez por isso, fôssemos tão bons amigos. Nossa despedida não poderia ser diferente.

No carro, minha mãe me encarava de tempos em tempos. Pareceu uma eternidade chegar à rodoviária. A viagem até meu pai duraria horas e eu mal podia esperar para dormir todo o percurso.

Eu evitava olhar diretamente para Laura, seus olhos estavam marejados. Acho que nós dois não somos tão parecidos assim. Eu raramente chorava. Sempre me perguntei se eu tinha algum problema. Ou se todos ao meu redor tinham.

— Por favor, fique com o celular na mão. Não deixe no silencioso, vou ligar para você.

— Tudo bem. — Foi só o que consegui dizer. — O ônibus está vindo.

— Certo. Filho, você... — pareceu desistir de falar algo. Havia sido assim nas últimas semanas. Ela nunca dizia o que realmente queria. — Eu amo você.

Assenti.

— Também amo você, mãe.

Talvez, eu tenha sido um pouco seco. Duro demais para alguém que tinha olhos tão maternais. Mas as minhas palavras eram verdadeiras, mesmo que meu semblante fosse distante. Eu costumava dizer a verdade. Dizer o que eu sentia. A minha mãe, meus amigos, e Théo, principalmente Théo, afirmavam que meu rosto era contrário às minhas falas.

Nunca entendi como isso poderia ser possível. Era como se me chamassem de mentiroso. No entanto, eu não mentia.

E logo eu, que sempre detestei mentiras, fui pego por uma causalidade moral.

No ônibus, sentei do lado da janela. Não sei dizer em que momento adormeci, mas eu não estava mais presente. Era como uma lembrança, um sonho amaldiçoado. Conseguia ver Théo. Ele falava comigo. Só falava.

— Está com medo. — Escutei-o afirmar.

É claro que eu estava. Era como ver um fantasma. Estávamos no campeonato novamente. Théo e eu, frente a frente. Prestes a lutar um contra o outro. E como um flash diante dos meus olhos, tudo havia desmoronado. Théo não competia mais comigo.

Não. Théo nem estava mais lá.

Foi quando me forcei a acordar. O ônibus tremia um pouco e tudo estava silencioso. Era cedo da manhã e através da janela, eu podia ver claramente os montes verdes e as grandes árvores. Havíamos saído da grande São Paulo. Virei minha cabeça e acabei encontrando algo inesperado. Acho que tomei um leve susto, pois a garota que me encarava tão arduamente, riu um pouco.

Bom, eu deveria ter tomado mais que um leve susto.

Diabos, o que essa menina fazia me olhando?

— Estava me perguntando a cor dos seus olhos — falou ela, como se me dissesse um simples bom dia.

Não tinha nada de especial na cor dos meus olhos. Os dela, no entanto, eram azuis. Um azul tão límpido que chegava a doer em minha vista. Eram como os faróis altos de um carro velho. Constrangedores.

— Está indo para onde? — A garota me perguntou.

Parece que o meu silêncio não havia sido suficiente para ela entender que eu não queria papo. Tossi um pouco, retirando força do meu âmagô para respondê-la.

— Boa Esperança.

— Sério? — exasperou ela, do nada. *Droga*. — Eu também.

— Legal.

— Meu nome é Bel. Isabel, na verdade, mas eu prefiro Bel. Bom, lá na cidade todo mundo me conhece como Belzinha. É que meu pai...

E ela desencadeou um monólogo no qual eu não estava preparado. Eram coices no meu ouvido. Trocava olhares comigo e sorria abertamente, mostrando seu aparelho dentário. Os dentes pareciam bem alinhados, mas ainda eram protuberantes. O que me incomodava um pouco. A garota parecia ter a minha idade, mas falava como uma criança. Ela tinha um sotaque carregado do Sul e seu cabelo era amarelo como manteiga.

Quando lembrei dos meus fones de ouvido, me senti o próprio Teseu encontrando a saída daquele labirinto de palavras. Peguei minha bolsa jogada aos meus pés e comecei a busca pelo meu fio de Ariadne.

— Você não me disse o seu nome — ouvi-a dizer.

Encontrei facilmente os fones e me sentindo aliviado até demais, encarei-a uma vez apenas para fingir educação.

— É Benjamin. — Coloquei os fones e peguei meu celular. — Se me dá licença.

Não me virei mais depois disso. A estrada foi tudo que assisti, enquanto ouvia música e esperava que o tempo passasse um pouco mais rápido.

Foi quase impossível pegar no sono de novo. Tinha certeza que a Belzinha me observava e aquilo me dava calafrios.

Era fim de tarde quando o ônibus estacionou na rodoviária. A luz fraca do sol ainda batia no meu rosto. Eu fingia dormir, pois ainda tinha receio da garota ao meu lado surgir com mais assunto. Quando as pessoas começaram a desembarcar, também me mexi.

Percebi que Isabel estava de pé, ajustando sua bolsa no ombro.

— Tchauzinho — disse ela para mim, acenando com a mão de um jeito exagerado.

Assenti.

— Tchau.

Demorei um pouco para sair do meu lugar. Precisei me espreguiçar bastante ao me levantar, as horas que passei sentado castigaram minha coluna. Com minha mochila nas costas, caminhei vagarosamente pelo corredor do ônibus e desembarquei.

Distanciei-me o pouco que podia e peguei o celular. Como era de se esperar, estava descarregado. Minha mãe deveria estar em crise por não conseguir falar comigo.

— Maravilha.

Suspirei alto, quase bocejando. Fui até um banco para apoiar minha mochila, mas nem precisei me apressar. Como um ímã, meus olhos foram atraídos para uma caminhonete vermelha estacionada mais a frente no meio-fio. E ao lado dela, estava meu pai.

Para mim, era como uma piada de mal gosto. Me custava acreditar que eu realmente estava aqui, prestes a ir morar com ele. Meu pai, Carlos, tinha uma aparência tranquila. Tão tranquila que me fazia querer virar do avesso. E confesso que, nesse quesito, eu era parecido com minha mãe. O homem era alto, tinha cabelo grande e uma barba rala. Usava uma blusa xadrez e um chapéu cobria sua cabeça.

Quanto mais meu pai se aproximava de mim, mais eu percebia que à minha frente, havia um completo desconhecido.

— Bem na hora — falou ele primeiro.

— Sim.

— Você cresceu desde a última vez que te vi — comentou, sorrindo um pouco.

Meu pai pegou a mochila do meu ombro e eu evitei encará-lo. Nós começamos a andar lado a lado. Não sabia exatamente o que dizer. Acho difícil que eu tenha crescido tanto assim. E mesmo se eu tivesse, é surpreendente que ele tenha notado.

— Acho que sim — falei antes de entrar na caminhonete. Percebi também o enorme adesivo do Café Real no vidro do porta-malas.

No carro, não parecia existir conversa entre nós. Não parecia haver nada entre nós. Era como se não fôssemos realmente pai e filho. Ele limpava a garganta de vez em

quando. Quis até perguntar se estava doente, mas no fundo eu sabia que era apenas uma forma dele quebrar o gelo entre nós.

Não funcionou.

— Como foi a viagem?

— Normal — respondi de olho no horizonte.

Percorremos alguns minutos — que me pareceram uma eternidade — até chegarmos numa estrada que dava boas-vindas a uma cidade cheia de charme, de acordo com a placa. Mas eu tinha minhas ressalvas.

Era como um cenário de jogo antigo. Apesar da noite, tudo era verde e brilhante, um clima diferente do que eu estava acostumado. Casas coloridas, flores por todo lado — muitas flores. Tantas árvores, pessoas sorridentes. Eu estava finalmente na cidadezinha de Boa Esperança onde luzes me recebiam. População: 2.333 pessoas. O que parecia ótimo para mim.

— Quer comer alguma coisa? — Meu pai perguntou, me espiando de lado.

Bem, eu queria.

— Pode ser.

Nós adentramos uma ruazinha movimentada, onde muitas caminhonetes estavam estacionadas. Havia anoitecido por completo e mesmo no interior, as pessoas pareciam gostar de estarem fora de casa.

— A comida aqui é boa. Eles vendem milkshake — disse ele como se tentasse me comprar.

Porque milkshake ia melhorar tudo. Descemos do carro ao mesmo tempo, no entanto, meu pai se aproximou rapidamente de mim. Posicionou a mão no meu ombro para que eu o olhasse.

— Você está bem?

A pergunta me pegou de surpresa.

— Estou. Por quê?

Ele abriu a boca e fechou. Estreitei meus olhos.

— Por nada. Vamos indo.

Carlos abriu a porta e me deu passagem.

Era uma lanchonete cheia de graça. E estava lotada. Tinha um estilo *retro*, extraído diretamente dos anos sessenta. Até os funcionários estavam vestidos a caráter. Mas não foi isso que realmente me impressionou.

— Carlos! — Ouvi o nome do meu pai ser chamado e virei a cabeça, quase no automático.

Mais no fundo, haviam umas pessoas que acenavam diretamente para nós. Meu pai me guiou até elas, um pouco envergonhado, pelo que pude notar. Fui apresentado e

os cumprimentei com educação. Foram três minutos de conversa. Meu pai sorria para todos e os funcionários também pareciam conhecê-lo. Fiquei apenas em pé, observando quieto, como se eu não existisse no universo, enquanto enchiam a bola dele.

— Aqui, nós só compramos o café do seu pai. — Uma funcionária disse baixinho para mim, vestida em um daqueles aventais cor de rosa. Ela apontou para o balcão. Tinha vários pacotes do *Café Real* expostos para a clientela ver. — Ele faz um precinho bom para nós. Para mim, é o melhor da região.

Havia uma certa reputação, então. Aparentemente, o pessoal apreciava muito o café do meu pai. O que, naquele momento, era irrelevante para mim. Queria apenas comer algo e com certeza, não seria café.

Meu pai me encarou e pareceu ler minha mente.

— Vamos sentar — disse ele e nos afastamos.

Sentamos perto da janela e um ar fresco passou por nós. Carlos pegou o cardápio e avaliou as opções. Fiz o mesmo.

— Pode pedir o que quiser.

Era o que eu tinha em mente. A garçonete chegou e pedi um hambúrguer com batata frita. Acabei ganhando um milkshake de morango. *Por conta da casa*, falou a garçonete, sorrindo com os olhos brilhando em direção ao meu pai. A mesma que havia enaltecido o café dele.

— A Mônica é um amor de pessoa — ele me disse, depois que a mulher se retirou.

— Percebi.

Sim, *com certeza*. Mônica estava cheia de amor para dar. Mas meu pai não parecia notar. Diferente da minha mãe, não acho que meu pai tenha namorado muito. Não é como se eu soubesse muito sobre a vida dele. O que eu sabia sempre chegava em mim por conta de Laura. E sem sombra de dúvidas, se meu pai arrumasse uma namorada, minha mãe seria a primeira a saber.

Meu pai e eu permanecemos calados até a comida chegar. O lugar ao nosso redor estava barulhento, mas não era tão ruim. As pessoas conversavam de um jeito carismático, mas não eram mal-educadas. Então, nós dois comemos em silêncio. O hambúrguer era ótimo. Duas carnes, cebola caramelizada, bacon e molho especial da casa. O milkshake e as fritas também.

Talvez eu estivesse com uma fome do cão. À minha frente, Carlos comia seu sanduíche com café. Pigarreei por um instante, chamando a atenção dele.

— Não é muito tarde para tomar café? — falei de modo despretensioso. Meu pai apenas riu, enquanto mordida o hambúrguer. Fiquei sem resposta por parte dele. — Acho que não.

A porta da lanchonete se abriu e, sem querer, subi o olhar. Duas pessoas entraram. Quase não acreditei no que vi. Bem, o que eu esperava? Cidade pequena.

— Carlos! — O homem de barba branca falou tão alto, que todos na lanchonete olharam. Ao lado dele, estava Belzinha. Ela me fitava. — Não esperava você aqui. Seu filho?

Os dois colaram na nossa mesa. Meu pai pareceu ter engolido o sanduíche à força e se levantou para cumprimentar o homem.

— Sim, ele chegou hoje. — Meu pai disse e os dois apertaram as mãos. — Benjamin, esse é Raul. Ele é... dono do Café Aurora aqui da região.

Acenei com a cabeça, impassível.

— E grande amigo do seu pai, é claro — acrescentou Raul, rindo depois. Por um instante, meu pai ficou sem graça. — A Belzinha chegou hoje também.

A garota deu um passo à frente quando mencionada. E eu só queria voltar a comer meu sanduíche.

— Oi, seu Carlos — disse ela, sorrindo. Depois, virou-se para mim. — Nos encontramos de novo.

Mas é claro que ela ia dizer isso.

— Você conhece o Benjamin, querida? — Carlos perguntou.

— Estávamos no mesmo ônibus.

— Mesmo? — Meu pai me encarou dessa vez. — Uai, se eu soubesse, poderia ter vindo conosco.

— Ela se encontrou com uns amigos — foi Raul quem explicou, abraçando a filha de lado. — Mas é bom que tenham se conhecido. Benjamin é novo na cidade, Belzinha. Pode ajudar ele a se enturmar?

O homem e a filha eram parecidos. Os dois tinham olhos claros e eram inconvenientes. Eles também sorriam como se tivessem muito dinheiro. Deviam ter.

— Mas é claro, pai — disse ela, mostrando os dentes e me encarando igual uma alma desencarnada.

Não compreendi o porquê, mas eles se sentaram à nossa mesa. Foi quando quis sumir dali. Bem, meu corpo não poderia escapar, mas minha mente, quem sabe. Belzinha estava do meu lado e tentava conversar. A garota era esperta. Ela via que aquilo era desagradável para mim, mas continuava, propositalmente.

Carlos conversava com Raul e pareciam bem entretidos, porém eu arriscaria dizer que meu pai não estava tão à vontade assim. Quanto a mim, o cansaço pesava nos meus ombros, e a conversa ao redor já não passava de um ruído distante. Eu não pertencia àquele lugar. Nada ali me atraía, nada me prendia.

Tentei fugir, suspirando. Meus olhos escaparam para além da mesa, além das vozes e dos rostos desconhecidos. Lá fora, a noite parecia mais silenciosa. Os postes desenhavam sombras alongadas no asfalto e foi entre elas, que a vi.

Uma garota de cabelo repicado e franja curta deslizava pela rua em uma bicicleta amarela. Estava sozinha, alheia a tudo. A cena me chamou atenção, sem que eu realmente soubesse o motivo. Havia algo nela – no jeito despreocupado como pedalava, como se não houvesse pressa, como se o tempo ao redor simplesmente não a tocasse. Por um momento, foi como assistir a um filme em câmera lenta, enquanto o resto do mundo se dissolvia. A garota tinha sorte, pois quem dera eu pudesse estar fazendo o mesmo.

Pisquei.

Ela não estava mais lá. Havia ido embora com sua bicicleta. Uma inquietação estranha me percorreu. Talvez fosse o cansaço. Talvez fosse aquela cidade. Ou talvez fosse apenas a vontade crescente de ir embora dali.